

O uso do clítico na fala culta de Fortaleza

Emanuela Monteiro GONDIM¹

Resumo: Este trabalho visa verificar a ocorrência ou o apagamento do clítico nos verbos pronominais na fala de informantes cultos de Fortaleza, em diferentes contextos. Contrariando o que a Gramática Tradicional (GT) afirma a respeito dos verbos pronominais, a queda do clítico já vem sendo comprovada em algumas regiões brasileiras. Sendo assim, é importante verificarmos o uso desses pronomes por falantes de Fortaleza. Para tanto, basear-nos-emos na teoria variacionista, para analisarmos ocorrências retiradas do corpus PORCUFORT. Os resultados apontam para uma tendência ao desuso desses pronomes, inclusive, com alguns verbos considerados pronominais pela GT. Tais resultados mostram a validade de uma pesquisa que analise um corpus mais atual, já que os dados do PORCUFORT foram coletados na década de 80, para que possa ser verificado se atualmente o clítico tem sido mais frequentemente apagado ou utilizado.

Palavras-chave: clítico; fala; variação.

Abstract: This work aims at verifying the occurrence or the deletion of the clitic in pronominal verbs in the spoken language of educated speakers from Fortaleza, in different contexts. Opposing what the Traditional Grammar (TG) says about the pronominal verbs, the deletion of the clitic is being proved in some Brazilian regions, as attested Monteiro (1994) in the NURC corpus. It is up to evaluate if such phenomenon occurs in the spoken language of Fortaleza. For this task, we will be based on the variationist theory for us to analyze occurrences taken from a PORCUFORT corpus sample. The results point to a tendency to the disuse of those pronouns in the cult oral Portuguese of Fortaleza. They show the validity of a research that analyzes a broader and more current corpus, so we can verify if the phenomenon expanded or decreased.

Keywords: clitic; spoken language; variation.

Introdução

A gramática normativa, que se embasa essencialmente na modalidade escrita da língua, considera a existência de verbos conjugados com um pronome clítico correferencial ao sujeito, chamados *verbos pronominais*. Cunha e Cintra, por exemplo, afirmam:

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o mesmo sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS (...) (CUNHA E CINTRA, 1985, p.395).

Todavia, quando consideramos a modalidade oral, percebemos que a queda do pronome clítico já tem sido atestada em várias regiões brasileiras, conforme observou Monteiro (1994). O intuito deste trabalho

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: emanuelagondim@gmail.com

é verificar a ocorrência ou não do clítico nos verbos pronominais na fala de informantes cultos de Fortaleza em diferentes contextos. Nossa hipótese, com base em observações esporádicas de falantes nativos, é que, em Fortaleza, a regra geral é o uso do pronome clítico junto aos verbos pronominais. O presente artigo acha-se dividido em três seções de desenvolvimento. Primeiramente, apresentamos brevemente as bases teóricas que apóiam a análise. Em seguida, detalhamos a metodologia usada na pesquisa. Na terceira seção, discutimos os resultados encontrados no *corpus*.

Fundamentação teórica

Variação Linguística

Nossa pesquisa se baseia na *teoria variacionista*, segundo a qual a língua reflete a heterogeneidade social. A Sociolinguística afirma que não há uma só língua que seja homogênea, pois não há ao menos dois falantes de uma mesma língua que se expressem da mesma forma. Noutras palavras, é impossível haver duas pessoas com as mesmas experiências linguísticas porque também é impossível estas pessoas terem as mesmas experiências sociais.

Sendo assim, a linguagem, nesta abordagem, perde a função de mera forma de comunicação e recebe uma carga de identidade de cada falante. Duas ou mais maneiras de se transmitir a mesma idéia constituem *formas variantes*. São formas variantes, por exemplo, as construções “nós vamos”, em que há concordância do verbo com o pronome plural, e “nós vai”, em que há o emprego do plural apenas no pronome.

Assim, diz-se que a língua varia diatópica, diafásica, diastrática e diacronicamente. A variação diatópica concerne à variação conforme a mudança geográfica. Em cada região de nosso país, por exemplo, existe uma cultura, uma culinária, uma moda diferente e, portanto, uma linguagem diferente, ou seja, as pessoas de uma mesma região possuem características linguísticas semelhantes entre si e estranhas ao resto do país. Já a variação diafásica diz respeito à intenção comunicativa, à variação de registro. Prova disso é que um mesmo falante utiliza variantes linguísticas distintas a depender da situação

comunicativa. Assim não se expressa da mesma maneira em um almoço familiar, por exemplo, e em uma entrevista de emprego, pois as situações mencionadas exigem graus de formalidade diferentes. A variação diastrática, por sua vez, está ligada à estratificação social e torna evidente a variedade de diferenças culturais dentro de uma comunidade. Esse tipo de variação explica, entre outras, as diferenças na maneira como falantes escolarizados e não-escolarizados se expressam linguisticamente. Por fim, a variação diacrônica se refere à variação da língua através do tempo. Para percebermos com clareza esse tipo de variação cumpre mencionarmos a variedade vulgar da língua latina que devido às mudanças pelas quais passou ao longo do tempo deu origem às diversas línguas neolatinas que conhecemos hoje, como o português, o francês, o espanhol e o italiano.

Em nossa pesquisa, trabalhamos basicamente com a variação diafásica, uma vez que analisamos a variação de registro, e com a variação diacrônica, já que avaliamos as diferenças conforme a idade. O estudo da influência da idade em usos linguísticos segue o princípio da homogeneidade, segundo o qual mudanças que ocorrem no tempo atual podem obedecer aos mesmos princípios que a regeram nos tempos passados. Considera-se que a variante empregada pelos falantes mais velhos seja a variante conservadora e a variante usada pelos mais jovens, a inovadora. Se descobirmos que determinada variante é pouco empregada pelos mais jovens e mais empregada pelos mais velhos, enquanto outra tem a frequência inversa entre as duas faixas etárias, teremos flagrado uma faixa do tempo em que uma estaria sendo substituída pela outra.

Uso dos pronomes clíticos

Segundo Monteiro (1994), os clíticos são vocábulos sem autonomia que sempre se juntam a uma forma livre, ou se localizam em uma posição fixa – quando sempre ocorrem antes do nome, como os artigos definidos e as preposições átonas – ou em posição variável, podendo aparecer antes ou depois dos verbos a que se associam.

Em português, alguns verbos, chamados *verbos essencialmente pronominais*, **são conjugados sempre com uma forma clítica**, considerada, pelas gramáticas tradicionais, parte integrante do verbo.

Essas formas clíticas são sempre co-referenciais ao sujeito, mas não exercem nenhuma função sintática, a exemplo de *zangar-se*, *casar-se*, *admirar-se*, *interessar-se*, entre outros. Numa frase como *Pedro zangou-se com Maria*, por exemplo, o *se* **não exerce nenhuma função oracional, como prova o fato de não se poder dizer** **Pedro zangou a si mesmo com Maria*.

Esses verbos são divididos na gramática tradicional em dois tipos: (a) aqueles que são sempre conjugados com pronome clítico: *queixar-se*, *suicidar-se*; e (b) aqueles que admitem as duas construções, às vezes com alteração de sentido: *debater* (= *discutir*), *debater-se* (= *agitar-se*).

Todavia, inúmeras pesquisas sobre o português brasileiro atestam o apagamento dos clíticos sem haver qualquer alteração de sentido. Um dos autores que chegou a essa conclusão foi Monteiro que, analisando dados do NURC, observou:

Em primeiro lugar, notamos que a variação ocorre até na fala de um mesmo indivíduo (...). Além disso, percebemos uma certa identidade de traços semânticos entre os verbos: eles se relacionam a fenômenos psíquicos e mentais (*queixar-se*), *arrepender-se*), *lembrar-se*)) ou expressam alguma mudança de estado (*modificar-se*), *sentar-se*), *casar-se*)). (MONTEIRO, 1994, p. 95).

Mais recentemente, Oliveira (2005), que estudou o comportamento do clítico *se* no Português Brasileiro contemporâneo, em especial nas regiões sudeste e nordeste, concluiu que:

Enfim, em linhas gerais, pode-se pensar na tendência ao apagamento do “*se*” na região sudeste liderada por Minas Gerais e a sua conservação e extensão na região nordeste. Mineiros e nordestinos formam uma forte camada de imigrantes em São Paulo, que acolhe, portanto, tendências diversas. Além disso, há os imigrantes de línguas românicas, como o português, italiano e espanhol que preservam os reflexivos (OLIVEIRA, 2005, p. 12).

Esta tendência ao apagamento de clítico parece ir além das fronteiras do Brasil e atingir o português falado em Moçambique. É o que indica a pesquisa de Faria *et al.* (1997), segundo a qual, no português moçambicano, há uma tendência para a supressão dos clíticos reflexivos que não preenchem função em relação ao verbo, como no caso de *arrepender-se* ou *estragar-se*. São exemplos dos

autores:

- (1) A tal namorada foi queixar ao pai. (=...queixar-se ao pai) [16]
- (2) Muitas vezes eu atrasava às aulas. (=...atrasava-me para as aulas) [17]

O fenômeno é assim explicado por Faria et al. (1997):

parece legítimo considerar que a supressão deste tipo de clíticos no PM decorre do facto de eles *não estarem claramente associados a um papel sintáctico ou semântico*. Como se pode verificar, quer se trate dos chamados clíticos inerentes (usados com verbos como «queixar-se» na frase (16)) ou dos clíticos anticausativos (usados com verbos como «atrasar-se» na frase (17)), em nenhum dos casos a presença destes clíticos, exigida pela norma europeia, se destina a assinalar a existência de uma posição subcategorizada pelos verbos com que ocorrem (ao contrário do que acontece com os clíticos argumentais). (FARIA ET AL., 1997, p. 2)

Resta-nos saber se a afirmação de Oliveira (2005) de que o nordeste tende a usar o clítico é válida para o português falado em Fortaleza. É isso que objetivamos com nosso trabalho.

Metodologia

Nossos dados foram retirados do *corpus* PORCUFORT, organizado pelo professor José Lemos Monteiro, segundo o projeto NURC, em três tipos de registros: EF (elocução formal), DID (diálogo entre informante e documentador) e D2 (diálogo entre dois informantes). Utilizamos o *corpus* inteiro, o que compreende 59 inquéritos, totalizando 49 horas de gravação. Todos os inquéritos têm como informantes homens e mulheres de três faixas etárias: Faixa etária 1 – dos 25 aos 39; Faixa etária 2 – dos 40 aos 55; Faixa etária 3 – a partir dos 56.

Coletamos todas as ocorrências de 10 verbos considerados pronominais, conforme a gramática de Cunha e Cintra (1985), usada como referência. Assim, foram coletadas ocorrências com lexemas, como ACABAR(-SE), ACORDAR(-SE), ACOSTUMAR(-SE), CASAR(-SE), COMPLICAR(-SE), DEITAR(-SE), INTERESSAR(-SE), LEVANTAR(-SE), SEPARAR(-SE), SUICIDAR(-SE).

A seguir, os dados foram categorizados, segundo os fatores externos: *sexo, idade, registro*, e analisados no software S.P.S.S. 7.5

for Windows, que nos deu a frequência numérica e o percentual e fez o cruzamento das variáveis, a fim de verificarmos a possível influência de uma sobre as outras.

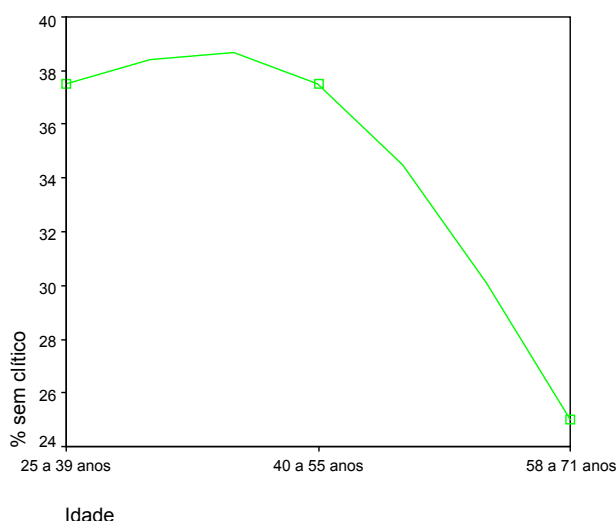
Análise e discussão dos resultados

Foram analisadas 126 ocorrências dos 10 verbos pronominais. Em 43% houve o uso do clítico (54/126) e em 57% (72/126) ele não foi usado. Isto nos leva a crer que esses pronomes estejam tendendo ao desuso.

Um fato que nos surpreendeu foi não termos encontrado diferenças relevantes, quanto ao uso do clítico, nas falas das três faixas etárias estudadas, o que deixa claro que essa tendência não é recente. Em 47,1% das ocorrências da faixa etária 1 (25-39 anos), houve o uso do clítico, enquanto, em 52,9% das ocorrências, os pronomes não foram utilizados. Inesperadamente essa desproporção se mostrou inferior a das outras faixas etárias. Por exemplo, na faixa etária 2 (40-55 anos), com maior tendência à omissão do clítico, não houve o uso do clítico em 64,3% das ocorrências, ou seja, os pronomes só foram utilizados em 35,7% das ocorrências. Na faixa 3 (56-71), o número de casos em que os pronomes não aparecem também foi alto: em 54,5% das ocorrências, nessa faixa etária, os verbos, tradicionalmente chamados pronominais, não vieram acompanhados de clítico, sendo utilizados em apenas 45,5% das ocorrências.

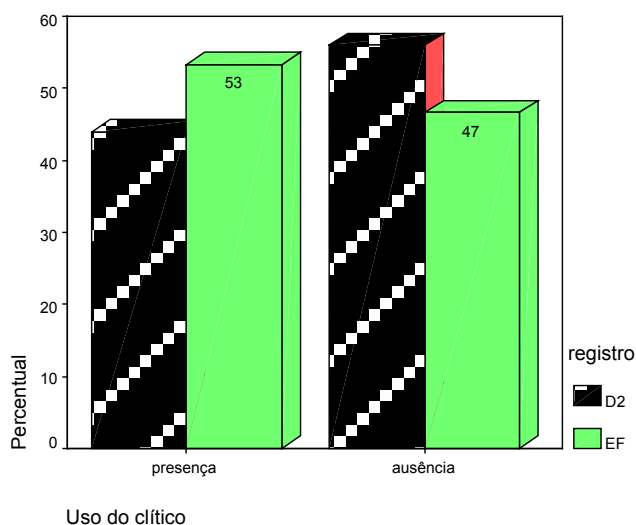
Com base nesses resultados, concluímos que a ausência do clítico é um fenômeno que vinha crescendo, chegou ao ápice e começou a cair, ou seja, a faixa etária mais nova tende a voltar a utilizar o clítico. Como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 1: o apagamento do clítico conforme a idade



Para analisarmos a variante registro, fez-se necessária a exclusão do DID, por este representar um registro intermediário e, por isso, possuir características tanto do D2 como do EF, tornando-se, assim, de difícil análise. Portanto, para uma análise mais precisa do registro, comparamos os dois registros opostos: D2 e EF. Foi percebido que, quanto mais formal o contexto em que o falante se encontrar, mais o clítico vai aparecer. Nos casos de EF (elocução formal), onde só há ocorrência de verbos pronominais em falas masculinas, os índices de aparecimento e de ausência do clítico quase se equiparam, sendo mais frequente, nestes casos, a presença do clítico. Como podemos perceber no gráfico abaixo:

Gráfico 2: o uso do clítico, conforme o registro



Enquanto isso, o D2, que constitui uma conversa entre dois informantes e, por isso, é o registro que tem o menor grau de formalidade, apresentou uma desigualdade mais marcada. Isso ocorre porque os informantes políciam a fala conforme o grau de formalidade da situação em que se inserem, ou seja, o falante muda a sua maneira de falar de acordo com a situação, ou com o que tecnicamente se chama *comunidade linguística*, ou seja, o acordo de comunicação inconsciente entre falantes com normas semelhantes. Uma vez que cada comunidade linguística possui normas próprias, o falante tende a usar as normas da comunidade linguística em que está inserido, porém um mesmo falante pertence a várias comunidades linguísticas, se adequando a vários tipos de situações.

O último fator que iremos abordar é a variável *verbo*. Percebemos que, em alguns verbos, a presença do clítico se intensifica, enquanto em outros o que ocorre mais comumente é a omissão. Na maioria das ocorrências do verbo *casar*, por exemplo, ele aparece sem o clítico, enquanto com o verbo *interessar* a presença do clítico é mais frequente. Veja nos exemplos a seguir:

- (3) é que /cabei casando com ele eu digo homem.. (DID-13)
- (4) e o preconceito de cor... enTÃO... você CASAR com PELÉ você... subiRIA de status... (DID-24)
- (5) essa história do homem do padre não poder se casar... (EF-36)
- (6) que ele num deve caSAR... (EF-36)
- (7) ela NÃO VAI se interessar pelo turno da noite (D2-116-2)
- (8) eu disse "engraçado quer dizer se o professor intereSSAR... a fazer um (D2-16-1)
- (9) um:: tipo de música que me interessava muito era aquele (D2-48-2)
- (10) agora é CLARo me inteREssa saber o passado né (EF-53)

Com os verbos *acostumar*, *separar* e *deitar*, não há variação. Nos dois primeiros verbos, o pronome é utilizado em todas as ocorrências, deixando clara a predominância da presença do clítico relacionada a tais verbos, já com o verbo *deitar*, ocorre o contrário, este verbo aparece apenas uma vez em todo o *corpus* e, nessa única ocorrência, ele se apresenta sem o pronome clítico (exemplo 11), porém não podemos caracterizar com certeza como este verbo aparece na fala de Fortaleza devido à irrisória quantidade dele no *corpus*. Eis algumas ocorrências desses verbos:

- (11) quando eu DEItto eu fico pensando (D2- 6-2)
- (12) eu /tô me separando do meu marido então ele /tá muito ansiOso (D2-7-2)
- (13) o casal que se separava... (DID-23)
- (14) ele era um FORNO... acho que eu me acostumei assim... sou diFÍcil de pegar GRiPe (D2-2)
- (15) numa instantaneiDAde tão GRANde... que:: eu ... /tô me acostuMANDo (D2-11-1)
- (16) ... /cê se acostUma... a a:: né?... (DID-27)
- (17) ::o poeta que se acostuma... (EF-3)
- (18) eles se acostumaram a fazer dentro de casa se acostumaram a fazer dentro da escola (DID-44)
- (19) se acostumaram a fazer dentro da escola... (DID-44)

Considerações finais

Por fim, nossa análise, ainda que com um número restrito de dados, leva-nos a crer que a apagamento do clítico é uma tendência geral no português do Brasil e a negar, portanto, a afirmação de Oliveira (2005) a respeito da manutenção do clítico no falar nordestino.

Do exposto, podemos concluir os seguintes pontos:

- a) a tendência ao apagamento do clítico, que cresce entre a faixa etária mais jovem e intermediária, sugere que se

trata de uma mudança que vem se processando há algum tempo;

- b) Alguns verbos são utilizados predominantemente com o clítico; em outros verbos, a ausência do clítico é quase total;
- e) A oposição entre os registros D2 e EF é clara, o primeiro mostra uma maior tendência à ocultação do pronome, devido ao seu alto grau de informalidade; no segundo, se percebe um uso mais frequente do clítico, justificado pelo policiamento que o falante se impõe em situações mais formais.

Faz-se necessário, para a reafirmação dos resultados dessa pesquisa, o estudo de um número mais extenso de verbos pronominais, o que, devido ao curto tempo de realização do trabalho, não foi possível ser feito. Seria interessante, também, a realização de outros trabalhos que testem novas hipóteses, a exemplo da relação uso do clítico e escolaridade, verificando a utilização do clítico nos verbos pronominais na fala de pessoas não-escolarizadas de Fortaleza e comparando com os dados aqui trabalhados. Outra possibilidade seria comparar a análise que fizemos com análises feitas em outras regiões brasileiras. Como já dissemos, nosso trabalho se baseou no *corpus* do PORCUFORT, coletado na década de 80, seria interessante, portanto, um estudo que seguisse essa mesma linha, porém coletando um *corpus* atual, para conferir se hoje, 20 anos depois, o clítico dos verbos pronominais se tornou mais ou menos presente.

Nossa pesquisa é, portanto, apenas a motivação, a pretensão de um trabalho futuro mais rico, realizado em um tempo maior, o que nos proporcionaria resultados mais extensos e confiáveis.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MONTEIRO, J. L. **Noções de sociolinguística**. Fortaleza: Projeto Editorial, 1997.

_____. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: EUFC, 1994.

FARIA, I. H. et al. "Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique", *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1996. Disponível em: <http://www.dgisd.min-edu.pt/TLEBS/Gramatica/variedade_africanaPM_sintaxe_.htm>. Acesso em: 9 jul. 2008.

OLIVEIRA, Marilza de. **Nós se cliticizou-se?**. Itaparica: PHPB, 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlciv/lport/pdf/maril014.pdf>> Acesso: 10 jul. 2008.